

## **Histórias de maternidade vividas na TV: o papel do testemunho num *reality show* brasileiro**

### **Maternity stories lived on TV: the role of testimony in a Brazilian reality show**

*Fernanda Silva*<sup>1</sup>

**Resumo:** De que forma mostrar uma experiência na televisão solidariza o telespectador, posicionando-o como parceiro e cúmplice do que é vivido? É em torno dessa questão que o presente artigo se estrutura, tomando como recorte um *reality show* brasileiro dedicado a mostrar o nascimento de bebês: o programa *Boas Vindas*, exibido pelo canal fechado GNT. O objetivo é discutir o papel assumido pelos testemunhos na televisão, não apenas a partir do relato dos personagens, mas das imagens que ancoram o momento do parto e tornam o telespectador testemunha da experiência narrada. A análise busca destacar ao menos dois usos do testemunho no programa: 1) há um esforço em minimizar os conflitos pessoais e valorizar sua superação; 2) o testemunho funciona como forma de construção de autenticidade dos sujeitos e das experiências.

**Palavras-chave:** *testemunho; histórias de vida; maternidade; reality show.*

**Abstract:** How to show an experience on television makes the viewer sympathize with it as a partner and accomplice? It is on this issue that this article is structured, taking as cut out a Brazilian reality show dedicated to showing the birth of babies: the program *Boas Vindas*, displayed by the payed channel GNT. The aim is to discuss the role assumed by the testimony on television, not only from the account of the characters in the stories, but the images that anchor the moment of the birth and make the viewer a witness of the narrated experience. The analysis seeks to highlight at least two uses of testimony in the program: 1) there is an effort to minimize personal conflicts and value their

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, MG, Brasil. E-mail: fernandamauricio@gmail.com

overcoming; 2) testimony works as a way of constructing the subjects' authenticity and experiences.

**Keywords:** *testimony; life histories; motherhood; reality show.*

## Considerações iniciais

Em julho de 1998, o *Jornal Nacional* dedicou cerca de 10 minutos de seu horário para falar sobre o nascimento de Sasha, filha da apresentadora Xuxa Meneghel, cuja trajetória se consolidou em torno de atuações como modelo e apresentadora de programas infantis. Xuxa não era casada e sempre deixou clara a intenção de ter um filho, o que era amplamente divulgado pelos diversos veículos de comunicação dedicados à cobertura da vida de celebridades. Por diversos anos, os telespectadores, fãs de Xuxa ou não, acompanharam pela imprensa seus relacionamentos amorosos e a esperança nutrida pela apresentadora de, enfim, tornar-se mãe. Em 1997, Xuxa iniciou um relacionamento com o empresário Luciano Szafir, desconhecido do público até então, e aí começa sua história de maternidade. Ao longo dos nove meses de gestação, os telespectadores acompanharam intensamente as expectativas de Xuxa, sua barriga crescendo, a montagem do quarto de Sasha e outros detalhes em torno do bebê que estava por nascer.

O nascimento de Sasha rendeu quatro entradas distintas no *Jornal Nacional*: duas reportagens sobre o nascimento da herdeira da “rainha dos baixinhos”, uma entrada ao vivo direto da maternidade e uma homenagem à filha de Xuxa em forma de videoclipe. A primeira reportagem (dois minutos e 25 segundos de duração) relembra o anúncio da gravidez feito por Xuxa em um programa de televisão: “eu vou sempre ter uma pessoa comigo, uma pessoa que vai ser minha. Eu estou grávida”.<sup>2</sup> Em outra entrevista, Xuxa relata: “[alisando a barriga] tem uma pessoa que me ajudou a realizar esse sonho [referindo-se ao parceiro Luciano Szafir]. [Corte seco. Xuxa olha para a câmera e diz:] Nós já estamos casados”. Além desses trechos, a reportagem recupera a gravação do último programa antes do nascimento e a chegada à maternidade, tudo registrado nas imagens de José Mário, diretor dos programas *Planeta Xuxa* e *Xuxa Parque*. Misturando o texto em *off* do repórter com relatos que

2 Os comentários feitos neste artigo têm como fonte as matérias postadas no YouTube, disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=Up0IkRgOjEI> (acesso em: 15 out. 2015). Elas não trazem os créditos das sonoras nem dos repórteres, o que dificulta sua identificação.

a apresentadora deu na mídia ao longo dos nove meses, a reportagem tinha como objetivo mostrar a emoção e a alegria de ser mãe e, principalmente, a realização de um sonho.

A segunda reportagem (três minutos e 48 segundos), feita pelo repórter Marcelo Canellas, falava do nascimento propriamente dito: como a maternidade se preparou para receber Xuxa, os fãs fazendo vigília na porta do hospital, a chegada da criança, a equipe médica etc. Nesse segundo momento, a construção da narrativa visava mostrar a imprevisibilidade dos acontecimentos e as superações, como fica claro no *off* do repórter: “um contratempo de última hora. A cesariana teve que ser antecipada. O cordão umbilical enrolou no pescoço de Sasha. Mas tudo correu bem”. A matéria exhibe o pai, Luciano Szafir, preparando-se para entrar no centro cirúrgico e sala de cirurgia. Entretanto, Xuxa, a celebridade que irá ter uma filha tão sonhada, não aparece sendo preparada para o parto. Não a vemos com a vestimenta do hospital, não temos acesso a seus temores antes da cirurgia. Apenas sabemos, pelo *off* do repórter e por uma sonora com um membro da equipe médica, que “tudo correu bem”. Noutra sonora, o médico relata o que aconteceu na sala de parto: “ela [Xuxa] passou o tempo todo consciente. E quando o pediatra colocou a Sasha no colo dela, ela começou a chorar, chorar, chorar. Ela chorava mais que a Sasha”. Esse é o único depoimento que temos acerca do nascimento da criança, que só aparece nos braços de uma enfermeira para tomar seu primeiro banho.

A terceira abordagem sobre Sasha no *Jornal Nacional* foi uma entrada ao vivo (um minuto e 43 segundos) feita pelo repórter Roberto Kovalic direto da maternidade. Luciano Szafir falou sobre seu sentimento quando nasceu sua filha:

[...] pegar ela nos braços é sem dúvida a emoção mais forte eu já tive na minha vida. Sabe, eu peguei ela nos braços, comecei a cantar para ela, assim, ela... pegou... segurou um dedo com uma mão, outro dedo com a outra, é... [suspiro] é... não dá para falar.<sup>3</sup>

3 Depoimento disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Up0IkRgOjEI>. Acesso em: 15 out. 2015.

O objetivo aqui foi obter, no testemunho do pai, os sentimentos que envolvem a paternidade. Todo o relato e a *performance* giraram em torno das emoções que o bebê despertara nos pais. Para finalizar, o *Jornal Nacional*, a pedido de Xuxa, exibiu em primeira mão um videoclipe contendo uma compilação de imagens do programa de Xuxa que ainda iria ao ar.

Na época, a visibilidade que o *Jornal Nacional* deu ao nascimento da menina foi bastante criticada, especialmente pela audiência, como podemos ver nas cartas de leitores publicadas pelo *Jornal do Brasil*:

[...] Chega a ser uma subserviência do jornalismo a serviço dessa moça nada humilde, cuja barriga, ostensivamente sempre à mostra (às vezes no maior frio), nos foi imposta como algo a ser adorado, idolatrado por todos e até mesmo beijado por ridículos bajuladores de plantão. Uma indisfarçada obsessão em encarar sua gravidez como o acontecimento do século.

Não aguento mais ouvir falar da filha da Xuxa!! Por que essa criança tem que ser tratada como uma semideusa se ela foi feita igualzinho a todos os outros milhões de mortais? [...] Por que não passam para a Xuxa assistir um filme sobre o drama da fome no Sudão? Será que isso a faria acordar um pouco e acabar com tanta frescura? Não aguento mais! Socooooorro... (XUXA & XAXA, 29 jul. 1998).

Se por um lado o acontecimento foi visto como uma frivolidade, por outro, mais recentemente, o tema encontrou em formatos próprios um espaço para sua existência e legitimação social. Se para uma parcela da audiência o modo como o telejornalismo trabalha a realidade não comporta uma temática como esta, *reality shows*, especificamente aqueles voltados para o estilo de vida, fundamentam sua estrutura e sua vinculação com o público tendo como eixo central mostrar o nascimento de bebês. Faz-se necessário, porém, notar algumas diferenças.

Embora tenhamos, enquanto telespectadores, acompanhado as prévias do nascimento de Sasha narradas por sua mãe, fomos privados do momento do nascimento. Não ouvimos o choro de Sasha e a emoção de Xuxa, não vimos o bebê ao nascer. Apenas a conhecemos no primeiro banho, filmado a pedido da mãe com narração em *off* do repórter.

Xuxa, a celebridade, não se mostrou aos telespectadores fragilizada, não relatou seus medos e expectativas com relação ao parto de sua filha. Naquele caso, houve todo um circuito midiático em torno do nascimento de um bebê celebridade, mas sua chegada ao mundo foi privada dos telespectadores.

Nos *reality shows*, como é próprio do gênero, são as pessoas comuns que se tornam célebres ao levar para a televisão sua história de vida. Diferentemente das celebridades, as pessoas comuns não reservam um andar da maternidade para o nascimento de seus filhos (como fez Xuxa) e mostram-se, sim, fragilizadas com suas dores e sofrimentos. É nisso que consiste a autenticidade dos relatos compartilhados com o público. Esses programas se estruturam em torno do testemunho a partir de duas modalidades: primeiro, a narrativa em tom confessional da história de vida dos pais até a chegada do bebê e, segundo, a narrativa visual do momento do nascimento, que dispensa qualquer mediação em *off* do acontecimento: as imagens são suficientes para autenticar a narrativa, transformando o telespectador em testemunha de sua própria história e, portanto, cúmplice de sua felicidade.

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre essa forma de testemunho na televisão e suas implicações na convocação do telespectador. De que forma mostrar uma experiência na televisão solidariza o telespectador, posicionando-o como parceiro e cúmplice do momento vivido? É em torno dessa questão que o presente artigo se estrutura, tomando como recorte um *reality show* brasileiro dedicado a mostrar o nascimento de bebês: o programa *Boas Vindas*, exibido pelo GNT, um canal fechado voltado para o estilo de vida com programação baseada em culinária, programas de debate e entrevistas, séries e *reality shows*, em sua maioria. A vida de pessoas comuns está presente em boa parte da programação da emissora com o objetivo de partilhar problemas e suas soluções. Assim, pessoas comuns aprendem a cozinhar (*Que Maravilha!*), reformam e organizam suas casas (*Decora e Santa Ajuda*), aprendem a alimentar seus filhos de maneira equilibrada e saudável (*Socorro! Meu filho Come Mal*), aprendem a organizar festas (*Fazendo*

a Festa), casam-se (*Chuva de Arroz*). Com essa programação, o GNT parece querer assumir um lugar de fala que o torna capaz de minimizar possíveis conflitos na vida privada do telespectador, mostrando ser possível ter uma vida feliz e equilibrada. Boa parte dos programas se passa na casa das pessoas ou refere-se a ela, colocando-se em seu espaço mais íntimo, construindo relações saudáveis. O canal, assim, é um parceiro do telespectador na busca por qualidade de vida e cúmplice dos desafios de sua vida privada.

### **“Depoimentos emocionantes, reais e sinceros”: o testemunho como efeito de realidade**

O programa *Boas Vindas* está em sua oitava temporada, cada uma contendo 13 episódios. Ele dialoga com uma tendência da programação internacional cujo foco é o nascimento de bebês, como é o caso dos programas *Um Bebê por Minuto* e *Eu não sabia que estava grávida*, exibidos no Brasil pelo canal Discovery Home and Health, também voltado para estilo de vida, saúde e qualidade de vida.

O *Boas Vindas* exhibe, em seus 30 minutos, a trajetória de duas famílias que voluntariamente se inscrevem para participar do programa e contar sua história de vida.<sup>4</sup> A página do programa na internet antecipa boa parte de sua promessa aos telespectadores:

A série acompanha o dia mais importante da vida de tanta gente: o nascimento de um filho. *Depoimentos emocionantes e reais* gravados em maternidades antes e depois do parto trarão à tona histórias de famílias de diferentes formações, classes sociais e tradições. *Você vai poder acompanhar* as angústias, alegrias e tristezas vividas em um *momento único*. A chegada à maternidade, a preparação para o parto, o nascimento são alguns *momentos registrados pelas câmeras*. O dia a dia de uma maternidade *captado de maneira afetiva*, com *depoimentos sinceros* de uma família que renasce com a chegada de uma criança (grifos nossos).<sup>5</sup>

4 A análise deste artigo refere-se aos episódios da sexta temporada, levada ao ar no ano de 2014.

5 Disponível em: <http://gnt.globo.com/programas/boas-vindas/episodios.html#pag=5>. Acesso em: 16 dez. 2015.

Nessa passagem, é possível perceber a ênfase que o programa dá a duas dimensões testemunhais que se justapõem ao longo da transmissão: a que se narra verbalmente (por meio do depoimento da família) e a que se narra visualmente (o que se vê, o que a câmera mostra). Sendo assim, cada família, ao partilhar sua experiência, constitui um “testemunho” próprio que lhe é peculiar e único. Por outro lado, o *Boas Vindas*, ao empregar o testemunho como estratégia comunicativa, constitui o telespectador em “testemunha ocular” da experiência narrada, dimensão que, na bibliografia nacional, é atribuída frequentemente ao telejornalismo.<sup>6</sup> A vinculação entre testemunho e jornalismo, acreditamos, relaciona-se com a autenticação dos relatos para gerar um efeito de realidade. A reconstrução dos acontecimentos por meio do relato verbal ou visual constitui-se numa evidência de sua veracidade, por isso o testemunho tem sido objeto de análise de diversas pesquisas em jornalismo.<sup>7</sup>

Considerando-se que outros gêneros televisivos também se ancoram na realidade, pretendemos, neste artigo, ampliar as discussões efetuadas no âmbito do telejornalismo para pensar a realidade na televisão e sua relação com o testemunho. É o caso dos *reality shows*, gênero que abriga nosso objeto de análise. Segundo Freire Filho (2011), embora a etiqueta *reality show* se aplique a um conjunto bastante heterogêneo de programas, eles se unem por uma promessa em comum:

[...] fornecer a visualização (hilariante, comovente, inspiradora) da conduta “espontânea” e das emoções “autênticas” de pessoas “reais” – ou seja, de indivíduos que não estejam atuando profissionalmente como atores, recitando falas e tomando decisões estipuladas em um *script* elaborado pelas emissoras de TV (FREIRE FILHO, 2011, p. 115).

6 Vale lembrar que o *slogan* do *Repórter Esso*, um programa histórico da televisão e do rádio brasileiros, era “testemunha ocular da história”.

7 Em outubro de 2015, pesquisadores franceses e brasileiros reuniram-se no II Seminário Internacional de Estudos de Televisão Brasil-França (UFBA) para discutir o tema “Testemunhas, Media, Identidades”. Parte das discussões tomou a presença dos testemunhos no telejornalismo como problema ou recorte.



No caso de programas voltados para estilo de vida,<sup>8</sup> o testemunho narrado pelos sujeitos põe relevo em algo que está se passando no momento da transmissão. Sendo assim, o telespectador é cúmplice do processo de transformação – a perda de peso, a arrumação da casa etc. –, uma vez que é “a construção do testemunho ocular que funda as imagens que nós vemos” (JOST, 2003, p. 62). Segundo François Jost (2003), o testemunho pode validar-se pelo relato de alguém que presenciou um acontecimento e, por isso, possui autoridade para contá-lo aos outros, ou põe em jogo a experiência, o sentimento que pode ser relatado por alguém que viveu uma situação e, por isso, pode ser exemplo de questões mais amplas e servir de exemplo para outros. Ainda segundo o autor, o testemunho substitui as informações fornecidas por especialistas pela autenticidade de experiências vividas por qualquer pessoa. A autenticidade, portanto, é um valor que atribui legitimidade ao gênero, conforme discutiremos mais adiante.

*Boas Vindas* conta com a mediação de um narrador que amarra os casos relatados ao longo da transmissão. A voz do narrador pouco aparece e se restringe a momentos específicos: na abertura do programa, com uma frase mais ou menos padrão para introduzir os personagens do dia (“A cada ano nascem mais de um milhão de bebês”); antes e após os intervalos; e, algumas vezes, ao longo do programa para conduzir a narrativa, dando a deixa para possíveis conflitos (“por ter tentado durante muito tempo, Rosana tinha muita insegurança com a sua gravidez”, “Fernanda curtia a gravidez tranquilamente até que passou por um grande susto”). A partir disso, as vozes que aparecem são dos familiares da criança, apresentados ao telespectador em suas funções na família – pai, mãe, avó, tio, dinda –, o que coloca o foco na criança que vai nascer. São raros os momentos em que o programa recorre a especialistas para tratar dos temas e, ainda assim, esses aparecem para comentar o caso que está sendo mostrado, não para falar de uma situação geral.

8 Diferentemente dos *reality shows* que atuam como *games* ou gincanas que oferecem prêmios, o que está em jogo nos programas de estilo de vida é uma transformação na vida da pessoa (em seu corpo ou sua casa) que promova um crescimento individual e/ou a resolução de um problema.

Na parte inicial do programa, o casal conta como se conheceu, o princípio do namoro até o casamento e a descoberta da gravidez. Eventualmente, o programa procura alguma dificuldade que tenha ocorrido ao longo do percurso e as implicações disso para o casal. No episódio 10, intitulado “Nem tudo é um conto de fadas”, *Boas Vindas* buscou explorar as dificuldades enfrentadas pelos casais antes ou no momento do parto.

Narrador: Carolina sempre quis ser mãe e parecia que seu sonho ia se realizar logo na primeira tentativa.

Mãe: Eu sempre tive muita vontade de ser mãe. Só que a gente achou que eu não ia engravidar rápido. Eu parei o remédio e 15 dias depois eu estava grávida. E aí foi aquela euforia, porque primeiro filho, o primeiro neto da minha família, aquela euforia toda. E aí, na primeira ultra, já deu para escutar o coraçãozinho. Quando foi na segunda ultra, a gente viu que o coração já não estava batendo. Eu já estava há duas semanas com ele morto dentro de mim. É muito complicado falar porque você sente ao mesmo tempo a tristeza e a revolta.

Pai: Não existe dificuldade. Barreira, para a gente, é só um caminho diferente. (BOAS VINDAS, temporada 6, episódio 10).

A narrativa dessa história é acompanhada por tomadas do casal dando seu testemunho intercaladas com imagens que demonstram amor e união – beijos, abraços, carinho – capturadas pretensamente como espontâneas. Percebe-se que há um esforço do programa em tornar a história de vida aceitável para o telespectador, ainda que, para isso, seja necessário encenar momentos de intimidade do casal que narra sua experiência. Após mostrar a solidez do relacionamento, o programa dedica-se a falar sobre o nascimento do bebê, que publiciza e intensifica os sentimentos vividos pelo casal, tornando-se o ponto alto de sua história de vida. Sendo assim, ainda que haja modelos de famílias distintos, o clima do programa é sempre favorável.

Tomemos como exemplo dois casos do *Boas Vindas*: no primeiro, o programa – intitulado “De repente, família” – relata a história de duas

famílias que não planejaram a gravidez, mas que, ao acontecer, viram-se animadas com a chegada de um novo membro. O casal Livia e Thiago, namorados jovens, relatam que a gravidez precoce promoveu ainda mais união entre eles.

Mãe: É uma mudança completamente, porque você não está almejando... não é nem planejado. Porque eu também não acho que as coisas precisam ser assim: “ai...”, tudo certinho e tal.

Pai: É, não foi uma coisa assim: “tá grávida? Uau! Que perfeito, vamos ter uma família”.

Mãe: Não era o nosso plano.

Pai: É, a gente já conversou sobre filho e tal: “ah, não tenho vontade de ter filho”.

Mãe: Eu ficava cheia de receios mesmo de botar alguém no mundo, sabe? Muita responsabilidade. Quando a gente ouviu o coração do neném...

Pai: É que caiu a ficha. Daquele dia em diante, ficamos amarrados.

Mãe: A gente queria ser pai e mãe (BOAS VINDAS, temporada 6, episódio 1).

O testemunho de Érica, por sua vez, destaca que qualquer dificuldade que advenha por ser solteira pode ser superada. Érica sofria de depressão antes de engravidar e a notícia da chegada do bebê a fez superar as dificuldades emocionais e formar uma família composta por irmãos e amigos. Sobre o fato de tornar-se mãe solteira, Érica afirma:

Mãe: Eu não tenho como ter raiva [do pai da criança] porque é impossível ter raiva de uma pessoa que te dá um presente, um bebê igual a este, entendeu? Ele que tem essa consciência de que quem está perdendo é ele. Não tem esse tipo de drama: “ah, eu serei mãe solteira. E agora? O que vai ser daqui para frente?”. Não. Existem outras formas de você ter um filho sem necessariamente ter aquela pessoa do seu ladinho, papai, mamãe, filhinho (BOAS VINDAS, temporada 6, episódio 1).

Sendo assim, ainda que o programa sugira dificuldades no processo da gravidez ou mesmo na história de vida, o momento do parto é como se fosse a superação de todas as adversidades. *Boas Vindas* não é um programa que problematiza questões sociais, mas que coloca distintas histórias como modelo para a superação de dificuldades. Nesse sentido, a autonarrativa deve parecer espontânea e autêntica. O “verdadeiro eu” que o programa pretende mostrar possui conflitos redimensionados pelo amor e cumplicidade das pessoas que cercam a criança.

O sentido de autenticidade e espontaneidade pode ser percebido pela performance dos participantes, assim como pelas imagens e a narrativa transmitidos. Segundo Erving Goffman (2005), os encontros entre os indivíduos na vida cotidiana são marcados por operações básicas que denotam um modo de agir específico naquela situação. Por conta disso, os indivíduos partilham certas informações básicas uns sobre os outros, informações que podem ser fornecidas antes do encontro ou durante a interação. Como consequência, Goffman afirma que, a todo momento, quando estão em contato uns com os outros, os indivíduos estão representando um papel diante de uma plateia e o que varia é a crença que se tem sobre esse papel, seja a crença do interlocutor, seja a do próprio falante em si mesmo. Quando há uma coincidência entre a crença pessoal e a crença dos demais interlocutores nas atitudes e palavras proferidas por um indivíduo, ocorre o que o autor denomina fachada, ou seja, um padrão de comportamento do indivíduo em diversas situações. A fachada representa o “verdadeiro eu”, um conjunto de ações que caracteriza o indivíduo e, por isso, permite que os demais participantes saibam como agir diante dele. É essa correspondência entre a impressão que pretende provocar e a crença que os demais possuem sobre o interlocutor, entre o “verdadeiro eu” e as atitudes do falante, que atribui autenticidade ao indivíduo. Quando essas esferas não são correspondentes, há uma impressão de falseamento e, como consequência, acontece a perda da credibilidade do indivíduo. Daí o esforço dos programas televisivos em fazer as histórias de vida parecerem autênticas, sobretudo quando os programas se ancoram numa dimensão de realidade.

François Jost, tratando sobre o “mundo real”, afirma que “o primeiro reflexo do telespectador é de determinar se, sim ou não, as imagens falam do nosso mundo, qualquer que seja a ideia que ele tem desse mundo” (JOST, 2003, p. 42). Por conta disso é que a espontaneidade emerge como critério para validação de autenticidade dos testemunhos televisivos, numa tentativa de aproximar-se das práticas cotidianas.

Segundo João Freire Filho (2009), o prazer que os telespectadores encontram ao assistir *reality shows* consiste em buscar marcas de sinceridade e espontaneidade na *performance* dos indivíduos na cena televisiva. Freire Filho relata o trabalho de Adrejevic, segundo quem a aferição de valor a esses programas reside não no prazer de espiar a vida alheia (concepção típica dos autores que afirmam o voyeurismo como uma patologia da sociedade contemporânea), mas na busca por “vislumbres objetivos (não roteirizados ou arquitetados) do subjetivo” (FREIRE FILHO, 2009, p. 7). É nos momentos de fragilidade emocional que o “verdadeiro eu” se manifesta e é nessa atribuição de veracidade ao papel desempenhado na tela que se constrói o prazer da recepção desses programas.

Somos sensibilizados, através de narrativas e explanações emocionalmente persuasivas, para a importância da elaboração da autenticidade, da configuração de uma identidade e de uma imagem distintiva e fiel ao nosso eu interior (FREIRE FILHO, 2009, p. 11).

No *Boas Vindas*, se, por um lado, a narrativa da história de vida busca mostrar-se sem conflitos para criar esse clima favorável ao nascimento do bebê, por outro, as imagens do nascimento buscam tornar o acontecimento verdadeiro. O programa prolonga as dores do parto por meio da voz do narrador, os personagens não escondem sua fragilidade, as mulheres não escondem seus corpos, como se o programa quisesse mostrar uma realidade sem floreios ou reduzir a “intervenção televisiva” sobre o acontecimento – como foi feito no caso de Xuxa. A autenticidade dos relatos e das experiências se constrói na visibilidade que *Boas Vindas* dá aos problemas e à sua superação. Muito do programa gira em torno

de um sonho: o sonho de ser pai/mãe, o sonho de ter um parto normal, o sonho de ter uma menina/um menino, o sonho de ter uma família grande. Daí que o momento do nascimento implica a realização desse sonho, por isso é preciso mostrar com detalhes essa realização, a qual compartilhamos como telespectadores.

Ao se colocar na sala de parto, o programa insere também o telespectador, que se torna cúmplice desse momento. O jogo de enquadramentos de câmera busca conduzir o olhar do telespectador para os aspectos expressivos que os sujeitos empregam enquanto vivem sua experiência; por isso, os enquadramentos preferenciais variam do plano médio ao plano fechado a fim de mostrar os movimentos dos sujeitos.

| Texto Verbal   | Imagens  |
|--|--|
| [Música instrumental de suspense]  | Placa do hospital indicando “Centro cirúrgico. UTI materno-fetal. Berçário de admissão. Salas de parto natural”.   |
| Narrador [off]: O bebê de Thaís nasceu, mas ainda não chorou.  | Membro da equipe médica massageando o bebê recém-nascido. Panorâmica horizontal até enquadrar o pai, que assistia ao procedimento chorando. <i>Zoom in</i> no pai. |
| [Música instrumental de suspense]  | O bebê, em primeiro plano, recebendo a massagem de membro da equipe médica. Ao fundo, a mãe, deitada sobre uma maca, assiste ao procedimento.                      |
| [O bebê começa a chorar]   | <i>Close-up</i> no pai chorando.   |
| Pai [off]: Acho que foi o único momento em que eu chorei, que eu falei: “caraca, eu quero ver meu filho bem”. O meu alívio veio na hora que meu filho deu a primeira respirada dele. | <i>Close-up</i> mais fechado no pai chorando.  |
| Pai: “O meu filho tá bem, cara, meu filho tá bem”.   | Pai em plano fechado dando entrevista após o ocorrido.   |

[Entra trilha musical do bebê]  
Pai [olhando para a criança]: “Seja bem-vindo, meu filho. Você vai ser meu filho sempre”.

A enfermeira dá o bebê chorando para o pai; ao fundo, a mãe, ainda deitada, assiste à cena. [corte seco] Pai vira-se de costas para a câmera e caminha até a esposa para dar-lhe o bebê. A câmera o acompanha num plano sequência.

**Tabela 1.** Narrativa verbal e visual no momento do nascimento. Fonte: elaboração própria.

Essa sequência durou 53 segundos e buscou mostrar não apenas o trabalho de parto, mas o momento de fragilidade que o sucedeu, com os baixos sinais vitais do bebê. A sequência se iniciou com a voz do narrador retomando o que tinha ocorrido, já que foi após as imagens da outra família. Em seguida, apenas a voz do pai costura os acontecimentos na sala da maternidade. Quando ocorre o nascimento, o *Boas Vindas* costuma colocar uma trilha musical quando os pais veem o bebê pela primeira vez e o pegam no colo, como se fosse a “música do bebê”. A trilha é, geralmente, uma canção suave que fala sobre o sentimento de amor. Nessa edição, essa música só entrou quando o pai pegou o bebê nos braços, após o choro da criança.

Os parentes reconstróem o momento do nascimento em suas narrativas pessoais, direcionando o que vemos nas imagens com os sentimentos vividos naquele instante, o que nos sugere que a vinculação entre imagem e texto verbal – que aqui é formulado pela própria pessoa, com sua linguagem e seu modo de falar – busca promover uma forte identificação e intimidade entre os personagens em tela e os telespectadores.

### **“Agora eu vou ler, vou me informar”: a partilha de experiências como forma de informação**

Ao centrar-se na partilha de experiências pessoais, *Boas Vindas* assume um papel de ajudar pessoas que estejam passando por uma situação semelhante ou ainda de dar informações sobre o processo do nascimento (tipo de parto, parto na água, tipo de anestesia, a superação de problemas individuais etc.). Entretanto, como é próprio do gênero, essas

informações vêm por meio dos testemunhos pessoais das experiências vividas. É o caso do episódio “Sempre cabe mais um”, da sexta temporada de *Boas Vindas*. A personagem Andréa relata o desejo de ter um parto normal e a voz da especialista (a obstetra) entra apenas para ratificar o que é dito por ela. Esse é um dos poucos momentos em que membros da equipe médica falam como peritos:

Mãe: Eu sempre quis ter parto normal, natural, enfim. Desde a primeira gestação. Só que na primeira houve o atropelamento de alguns procedimentos e não deu certo. Na segunda gestação eu falei: “ah ela [a obstetra] vai tentar, enfim...” Confiei. Não deu certo. E na terceira gestação, quando eu descobri, eu falei: “não. Agora eu vou ler, vou me informar”. E aí, em 38 semanas, eu falei: “amor, vamos tentar outra médica”.

Avó: Ela falou que queria muito o [parto] normal, mas manteve a obstetra dela e, para a gente, ia ser cesárea. Duas semanas antes, ela virou e disse que ia mudar de médica. Tudo bem. É um direito dela de ter um parto normal. Pode ter consequências para ela? Não sei. Não sou médica. Então, é preocupante. Sente o impacto do seu filho.

Mãe: Até o final eu vi a preocupação, de ser perigoso para o bebê. Porque o que é divulgado é exatamente isso: é quase que impossível fazer um parto natural após uma ou duas cesáreas, que o risco é muito grande, superior inclusive a uma outra cesárea.

Dra. Bernadette<sup>9</sup> (obstetra): O risco é o útero romper exatamente onde tem a cicatriz da cesariana anterior, ou das cesarianas. Mas a gente aqui está falando de um parto espontâneo [...] (BOAS VINDAS, temporada 6, episódio 4).

Esse caso é salutar dados os altos índices de cesarianas realizadas no Brasil, principalmente na rede privada de saúde. Para as mulheres que optam pelo parto normal, o programa *Boas Vindas* dá ampla visibilidade a seu depoimento.<sup>10</sup>

9 Dra. Bernadette aparece como obstetra de várias personagens do programa *Boas Vindas*.

10 No Brasil, há um movimento se fortalecendo que visa denunciar várias formas de violência obstétrica, que consiste em forçar uma paciente a aceitar intervenções médicas quando não há risco diagnosticado.



Como já discutimos anteriormente, o testemunho pode dar à vida privada uma dimensão que ultrapassa o voyeurismo, mas permite refletir sobre questões sociais mais amplas a partir das experiências de quem as vive. Fundamentar argumentos tendo como ponto de partida uma situação do cotidiano e despertar interesses comuns entre os personagens televisivos – supostamente “gente como a gente” – e os telespectadores são outras atribuições dos testemunhos mediatizados na televisão (SILVA, 2011). Outra função é dar sentido às experiências vividas a partir da própria narrativa. Acreditamos que a realidade televisiva “serve para o leitor interpretar sua experiência como uma experiência partilhada pela comunidade à qual pertence” (MEAD, 1926, p. 390). A afirmação de George Mead supracitada aplica-se ao jornalismo e a seu papel social, que vai além da informatividade e alcança uma dimensão de unir as pessoas em torno dos mesmos interesses. Apesar disso, acreditamos que outros modos de tratar a realidade na televisão também podem desempenhar esse papel, o que é ratificado pelo crítico televisivo Artur da Távola quando afirma que a simultaneidade da recepção televisiva e, em especial, a recepção de imagens dramáticas constroem um laço afetivo entre os telespectadores: “quando a dramaticidade do real suplanta a da ficção e todos dela participam, uma nova forma de solidariedade e amor tem de estar nascendo (está, eu sei), caso contrário tudo será desesperança” (TÁVOLA, 22 dez. 1972).

Ao narrarem-se a si mesmos, os personagens do *Boas Vindas* usam sua experiência para fortalecer os vínculos de intimidade que o programa pretende construir. Ao mesmo tempo, o telespectador é posicionado em torno do prazer de ouvir e ver o outro falando sobre si mesmo. Tal característica foi salientada por Sonia Livingstone e Peter Lunt (1994), que demonstram que receptores de *talk shows* – outro gênero que possui matrizes vinculadas à exposição da vida privada de pessoas comuns – podem reorientar suas práticas cotidianas a partir dos depoimentos: “alguns pensam que podem aprender algo sobre o mundo social através desses programas” (LIVINGSTONE; LUNT, 1994, p. 83).

Ser testemunha, portanto, não é apenas presenciar um acontecimento, mas vivê-lo e transmiti-lo a partir das sensações que desperta. Testemunhos pessoais convocam o telespectador a ocupar um lugar não tanto de quem pretende conhecer algo novo, mas de quem partilha de um mesmo

ARTIGO

mundo. O relato de experiências pessoais captura o telespectador pela sensibilidade e pela emoção, que se manifestam pelo que é vivido pela pessoa comum e o modo como ela consegue dar sentido às experiências e transmiti-las a outros. São esses significados que, segundo Mead (1926), permitem a percepção do mundo “real” e a socialização dos indivíduos a partir de um imaginário que gera um sentimento de apreciação e prazer pelo simples fato de ser compartilhado com outros (SILVA, 2011, p. 328-329).

### Considerações finais

É possível notar que não há divergências muito evidentes no teor da cobertura feita pelo *Jornal Nacional* das prévias do nascimento de Sasha e o que é feito no programa *Boas Vindas*: nos dois casos, o foco está na preparação da família e nas emoções vividas com a chegada de uma criança. As diferenças residem no formato – o *Jornal Nacional* conta com a mediação de repórteres renomados, enquanto o *Boas Vindas* delega a autoridade narrativa aos personagens envolvidos – e, principalmente, na abordagem do nascimento em si – no primeiro caso, silenciamento e ausência; no segundo, visibilidade e detalhamento. No nascimento de Sasha, a condução da cobertura gira em torno da celebridade midiática já constituída e reconhecida – Xuxa; no caso do *Boas Vindas*, ganha centralidade a pessoa comum e suas dificuldades.

Programas como *Boas Vindas* sugerem a existência de condições que possibilitam sua legitimação na grade de programação televisiva a partir de uma dimensão de partilha inexistente na ocasião do nascimento de Sasha, o que demonstra transformações nas expectativas da sociedade sobre o papel da televisão. A percepção, por parte da audiência, da ausência de noticiabilidade na maternidade de Xuxa no final dos anos 1990 contrasta com o desejo de saber, ver e participar da história de vida de pessoas comuns, tendência que se mostra fora do ambiente televisivo. É notável, nos dias de hoje, a multiplicidade de canais de informação

(*blogs e sites*) sobre maternidade/paternidade, criação de filhos, entre outros assuntos.<sup>11</sup> Boa parte desses espaços é formada por mães que simplesmente compartilham suas experiências cotidianas na intenção de ajudar outras com seus dilemas. O próprio *site* do *Boas Vindas* traz uma seção denominada “Gravidez e pós-parto” com informações sobre tipos de parto, o desenvolvimento do bebê durante a gestação, alimentos recomendados para gestantes e quando voltar à rotina após o nascimento. Ainda que haja especialistas (psicólogos, pedagogos, médicos), eles também se identificam como mãe ou pai, conferindo ao saber especializado maior humanização e proximidade com as pessoas comuns que buscam informações. A construção de um sentido de autenticidade desloca-se do relato distanciado dos repórteres para a experiência vivida.

*Boas Vindas* estrutura-se em torno da diversidade de famílias – casais jovens, casais maduros, casais homossexuais, mulheres sozinhas –, mas cujos conflitos são vividos e superados no âmbito individual. Lembrando o que nos diz o antropólogo Roberto DaMatta sobre a rua e a casa:

Diante de certos problemas e relações, [nós, brasileiros] preferimos englobar a rua [com seus problemas] na casa, tratando a sociedade brasileira como se ela fosse uma “grande família” vivendo debaixo de um amplo e generoso teto (DAMATTA, 1997, p. 9).

Certamente, como no caso de Xuxa, a temática que perpassa *Boas Vindas* diz respeito à casa, a fortalece e a torna o espaço privilegiado para as experiências que ainda irão se construir. Ao narrar as histórias de vida e mostrar o nascimento de uma criança, o programa ratifica a força das relações individuais domésticas e reduz as ambiguidades que podem advir de uma gravidez indesejada, um aborto, uma separação do casal. Nos 30 minutos do programa, tudo é construído num tom positivo, dando a entender que a criança que acabou de nascer pode ter um futuro brilhante, pois o contexto que a envolve é sempre favorável ao seu sucesso.

11 *Maternar, Dona Mamãe, Mamatraca, A Mãe Coruja*, além dos portais de revistas especializadas, como Crescer e Pais e Filhos, são alguns deles.

## Referências

- DAMATTA, R. *A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAYAN, D. Quand montrer c'est faire. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *La terreur spectacle*. Terrorisme et télévision. Paris: De Boeck, 2006. p. 165-184.
- FREIRE FILHO, J. A vida privada, modos de usar: revelações e restaurações televisivas. In: XVIII ENCONTRO DA COMPÓS. Texto apresentado no GT "Comunicação e Sociabilidade". Belo Horizonte: PUC-MG, jun. 2009. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1077.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1077.pdf). Acesso em: jan. 2010.
- GOFFMAN, E. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- JOST, F. *La télévision du quotidien*. Entre réalité et fiction. Paris: De Boeck Université, 2003.
- LIVINGSTONE, S. M.; LUNT, P. *Talk on Television: audience participation and public debate*. Londres: Nova York: Routledge, 1994.
- MEAD, G. The nature of aesthetics experience. *International Journal of Ethics*, v. 36, n. 4, p. 382-393, 1926.
- SILVA, F. M. Reposicionando a vida privada: o papel dos testemunhos pessoais no telejornalismo. *Revista EcoPós*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 319-331, 2011.
- TÁVOLA, A. da. Ainda a imagem, agora na tragédia. *O Globo*, 22 dez. 1972. Disponível em: <http://www.tv-pesquisa.com.pucrio.br/mostraregistro.asp?CodRegistro=50952&PageNo=1>. Acesso em: 19 abr. 2013.
- XUXA & XAXA. *Jornal do Brasil*, 29 jul. 1998. Disponível em: <http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/mostraregistro.asp?CodRegistro=38966&PageNo=3>. Acesso em: 13 out. 2015.

## Sobre a autora

Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Minas Gerais.

---

Data de submissão: 10/06/2016

Data de aceite: 09/02/2017